

OS DIFERENTES CAMINHOS DA MÚSICA – UM OLHAR SOBRE A MUSICOTERAPIA

Suzanne Liselee Schulz Romão

Universidade Federal de São Paulo - USP. E-mail: schulz.romao@gmail.com

RESUMO

A Musicoterapia é uma modalidade terapêutica utilizada para tratamento físico, mental, intelectual, cognitivo ou social. A música percorre diversos caminhos e pode ser utilizada em diversos ambientes com diferentes propósitos, desta forma, sua aplicação terapêutica utiliza o som e as experiências musicais originalmente atribuídas ao contexto educacional como um recurso potencializador da ação terapêutica, interferindo na qualidade de vida das pessoas. Como estamos tratando de uma profissão que envolve o campo da saúde, a musicoterapia deve seguir normas e regras específicas e ser realizada por um Musicoterapeuta habilitado. Este artigo pretende abordar a utilização da música em um contexto terapêutico, a fim de esclarecer suas fronteiras entre o fazer musical educacional e o fazer musical para fins terapêuticos, a partir de um levantamento bibliográfico, identificando suas técnicas específicas e sua aplicabilidade.

Palavras-chave: musicoterapia, música, aplicação terapêutica, educação musical, técnicas.

DIFFERENT WAYS OF MUSIC – A LOOK AT THE MUSIC THERAPY

ABSTRACT

The Music Therapy is a therapeutic modality used to treat physical, mental, intellectual, cognitive or social problems. The music covers many different ways and can be used in different environments with different purposes, therefore, its therapeutic application uses sound and musical experiences originally assigned to the educational context with a therapeutic goal, seeking to improve quality of life. As we are dealing with a profession that involves the field of health, music therapy must follow specific rules and regulations and be performed by a qualified music therapist. This article discusses the use of music in a therapeutic context, to clarify its borders between educational music making and music making for therapeutic purposes, from a literature review, identifying their specific techniques and their applicability.

Keywords: music therapy, music, therapy application, musical education, techniques.

INTRODUÇÃO

A música pode ser utilizada em diversas situações sendo uma delas o uso terapêutico. Esta modalidade tem se desenvolvido como um campo de trabalho com metodologia, critérios éticos e normas técnicas, entretanto a Musicoterapia ainda é vista como uma forma de relaxar, que pode ser realizada por qualquer pessoa que possua um conhecimento musical.

Os Musicoterapeutas, hoje habilitados através de bacharelados ou pós-graduações, tiveram como começo profissional uma prática baseada na intuição e na necessidade em ajudar o próximo. Talvez este começo tenha contribuído para a impressão errônea que se tem sobre esta profissão.

Atualmente a Musicoterapia está presente na Classificação Brasileira de Ocupações, sendo fiscalizada e normatizada através da Associação Brasileira de Musicoterapia e das Associações Regionais em todo o país. Sua aplicabilidade compreende as áreas Clínica, Hospitalar, Reabilitação Física, Deficiências Mentais, Saúde Mental, Educacional tanto em instituições privadas ou públicas.

Para tanto este artigo tem como objetivo o conhecimento do fazer musical para fins terapêuticos, diferenciando a aplicação da música no contexto terapêutico e educacional através de uma revisão bibliográfica.

CONTEXTO HISTÓRICO

O uso terapêutico da música pode ser encontrado desde a antiga Grécia. Neste período as doenças estavam envoltas às manifestações da natureza sem explicações científicas e possuíam um caráter psicossomático. Desta forma a música através de sua estrutura dos sons parecia uma fonte promissora para o restabelecimento da harmonia humana (COSTA, 1989).

Através dos tempos a busca pela cura das enfermidades foram relacionadas às crenças religiosas, mágicas, espirituais, astrológicas, etc. Com o desenvolvimento da medicina, as doenças ganharam causalidades orgânicas, e aquilo que não podia ser explicado através da razão era considerado doença da alma. A música, neste contexto, ganha muita importância uma vez que ela acalmava a agitação dos enfermos e alegrava aqueles que eram considerados melancólicos.

As atividades musicais cada vez mais eram observadas como uma ação que gerava resultados positivos. E pouco a pouco alguns intelectuais viram a música como uma possibilidade de tratamento para ajudar pessoas acometidas das mais variadas doenças a enfrentar suas dificuldades de uma forma diferente sem o rigor médico e a cisura de um ambiente hospitalar.

A utilização da música no pós-guerra, em hospitais para tratamento e recuperação de neuróticos de guerra aparece nos Estados Unidos em meados do século XIX.

Segundo Costa (1989) a musicoterapia de guerra dos EUA e sua difusão para o cone Sul, principalmente na Argentina, para tratamento da depressão pós-poliomielite, obtiveram resultados tão satisfatórios que impulsionaram o surgimento dos primeiros cursos de formação de musicoterapeutas.

No Brasil, as primeiras medidas oficiais sobre a especialidade da Musicoterapia aconteceram com a fundação em 1968 de duas associações de Musicoterapia: Associação Brasileira de Musicoterapia e a Associação Sul Brasileira de Musicoterapia, onde agregavam membros de diferentes áreas que utilizavam a música em seus trabalhos com objetivos terapêuticos.

Ainda que tenhamos relatos sobre a utilização da música com objetivos terapêuticos anteriores aos anos 70, foi nesta década que a Musicoterapia no Brasil começou a ganhar espaço com a fundação de cursos de graduação e centros de formação para músicos que desejavam outra finalidade para o seu fazer musical.

DEFININDO A MUSICOTERAPIA

Recente no meio da ciência, esta área de conhecimento deve ser considerada “um híbrido transdisciplinar em torno de dois principais campos: a Música e a Terapia” (CHAGAS, 2008).

Tanto a Música como a Terapia são campos por si próprios difíceis de formular uma definição única, abrangente e que contemplem todas as formas, estilos e práticas, o que acontece igualmente com a Musicoterapia. Por esta fusão, de música e terapia, podemos considerá-la “ao mesmo tempo uma arte, uma ciência, e um processo interpessoal” (BRUSCIA, 2000, p.07).

Para Bruscia (2000), a Musicoterapia é um processo terapêutico que acontece através de experiências musicais e das relações que se dão através destas experiências musicais. Envolvidos neste processo encontramos a música, o terapeuta e o paciente/cliente formando um tripé fundamental para que ocorra o processo terapêutico.

“Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança” (BRUSCIA 2000, p.22).

A terapia funciona como um processo de mudanças para o cliente/paciente, em que ora a música, ora o terapeuta atuam como agentes de mudanças a caminho de seu bem-estar. Para que estes processos aconteçam é necessária alguma intervenção por parte do terapeuta. Geralmente falamos em uma intervenção externa (no nosso caso através da música).

Bruscia (2000) afirma que a música e o terapeuta alternam a função de agentes de mudanças e agentes de intervenções. Quando a música é utilizada “como” terapia, ela assume um papel primário na intervenção, atuando diretamente no cliente/paciente e o terapeuta é o facilitador, ajudando e facilitando o relacionamento do indivíduo com a música. Já quando a música é utilizada “na” terapia, o terapeuta estrutura-se como principal agente da intervenção, utilizando a música para intensificar e/ou facilitar os efeitos da relação terapeuta-cliente/paciente e dos objetivos terapêuticos a serem alcançados.

Outra definição que chama a nossa atenção, preocupa-se com a integração da Musicoterapia ao cenário global do desenvolvimento humano, envolvendo o privado, o social e o biológico.

“Musicoterapia é uma modalidade terapêutica que utiliza a música, enquanto som e movimento, com o objetivo de abrir canais de comunicação que permitam um melhor relacionamento do paciente consigo mesmo e com o seu ambiente, desenvolvendo seus aspectos bio-psíquicos-sociais de modo a possibilitar sua (re)integração na sociedade” (COSTA, 2009, p.3).

O objetivo terapêutico é o início da prática musicoterapêutica. É preciso observar de quem estamos tratando, para que estamos tratando e de que forma, com qual técnica faremos tal tratamento. Em função destas variáveis o planejamento das sessões de musicoterapia e seus desdobramentos serão traçados.

Com o objetivo de regular e padronizar a prática da Musicoterapia, a Federação Mundial de Musicoterapia, *World Federation of Music Therapy*, propõe uma definição que funciona como suporte para as diversas práticas nos diversos países em que a Musicoterapia se faz presente.

“Musicoterapia é a utilização da música e/ou dos elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) pelo musicoterapeuta e pelo cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) para desenvolver potenciais e desenvolver e recuperar funções do indivíduo de forma que ele possa alcançar melhor integração intra e interpessoal e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida” (Ruud, 1998, p.53).

A Musicoterapia trabalha para que haja mudanças na vida das pessoas, interagindo e acessando através da música campos e caminhos ainda obscuros para este indivíduo. Ela abre canais de comunicação verbais e/ou não verbais que ampliam as possibilidades reais de seus participantes.

A relação terapeuta – cliente/paciente requer um contrato com orientações sobre todo o

tratamento que será desenvolvido durante o processo terapêutico, assim como tem a qualidade de ser uma relação profissional baseada e governada por regras de conduta e ética profissional. A ética é um princípio moral indispensável à prática clínica (CHAGAS, 1997).

Qualquer que seja a técnica musicoterápica utilizada, o trabalho terapêutico através da música possui um planejamento terapêutico que envolve uma avaliação inicial, anamnese, um processo terapêutico, e uma nova avaliação que servirá como indicativo de continuidade ou não continuidade do tratamento.

A Musicoterapia é uma prática que deve ser integrada às outras práticas em saúde, compondo um tratamento multidisciplinar na melhoria da qualidade de vida das pessoas.

PRÁTICAS E MÉTODOS MUSICOTERAPÊUTICOS

O cenário mundial apresenta métodos musicoterapêuticos com particularidades que ampliam o campo de atuação do Musicoterapeuta em função do contexto e da patologia que será atendida, “um método é um tipo particular de experiência musical em que o cliente se engaja com propósitos terapêuticos” (BRUSCIA, 2000, p.123).

Dentre os mais difundidos e conhecidos no Brasil, podemos citar o Método Nordoff-Robbins, o Método das Imagens Guiadas e Música, de Hellen Bonny, as experiências musicais de Bruscia e o Método da Identidade Sonora de Bennezon.

1 – Método Nordoff-Robbins

Baseado nos trabalhos musicais de Paul Nordoff e Clive Robbins, utiliza a improvisação musical como principal ferramenta clínica. Originalmente este método foi criado para o tratamento de crianças com comprometimento neurológico e/ou físico, sendo atualmente muito procurado para o tratamento do Transtorno do Espectro Autista.

Tem como premissa que todas as pessoas possuem uma musicalidade inata, independente de suas limitações e deficiências, chamada de “*music child*”. Tal musicalidade, permite que a música atue como comunicação, sensibilizando e facilitando a relação deste indivíduo com o meio social.

Chagas (2008) explica que através da improvisação criativa, os terapeutas estimulam esta condição musical inata do indivíduo trazendo para a sessão conteúdos musicais que serão decodificados posteriormente. A comunicação acontece totalmente através deste jogo musical sem que o verbal apareça. Este método é realizado na presença de dois terapeutas, onde um deles preocupa-se com a improvisação, geralmente no piano, e o outro está diretamente ligado à

criança, facilitando a expressão musical através dos instrumentos escolhidos pela criança, para que haja uma resposta à intenção clínica planejada.

2 – Método das Imagens Guiadas e Música (GIM)

Criada por Hellen Bony, este método utiliza-se da música erudita instrumental como possibilidade de alterar os estados de consciência dos indivíduos. Chagas (2008) explica que a música é apresentada ao paciente como audição musical num processo de relaxamento para eliciar imagens, símbolos ou sentimentos, que são compartilhados verbalmente com o musicoterapeuta.

A capacidade da música de provocar estes estados alterados de consciência, propõe que o paciente possa se livrar de comportamentos indesejáveis se conectando com sensações e sentimentos mais profundos vividos por ele. A seleção das músicas fica a cargo do terapeuta, procurando sempre seguir um objetivo terapêutico individual que faça sentido para cada paciente.

3 – Experiências Musicais de Bruscia

Podemos dizer que este método é atualmente um dos mais utilizados no Brasil. Kenneth Bruscia, separou os principais tipos de experiências musicais e transformou o fazer musical em potencial terapêutico. Os quatro tipos de experiências musicais são: a improvisação, a execução (ou re-criação), a composição e a audição (BRUSCIA, 2000).

A escolha das experiências musicais utilizadas no processo terapêutico vai depender da abordagem de cada terapeuta e de sua área de trabalho. O mais importante é que toda e qualquer expressão musical que seja produzida pelo cliente/paciente sozinho ou junto com o terapeuta não contenha julgamento de valor, sendo que a prioridade e a escolha de tais elementos musicais estejam pautados nos objetivos propostos para o tratamento.

Falamos em experiências musicais porque neste processo o que está em jogo é a experiência que o cliente/paciente terá com a música e não apenas a música que será tocada/cantada como uma produção estética. Cada experiência musical envolve uma pessoa, um processo musical específico, um produto e um contexto/ambiente (BRUSCIA, 2000).

4 – Método da Identidade Sonora (ISO)

Criado por Roland Benenzon, este método propõe que todo indivíduo possui uma identidade sonora que se inicia desde a vida intrauterina e se modifica como um processo dinâmico e complexo.

“As bases que integram o Princípio de ISO podem ser definidas da seguinte maneira: as relações do contexto não-verbal e o homem devem ser buscadas nas estruturas vinculares entre a mãe e seu feto (intra-uterino); posteriormente as expressões não-verbais como a música, dança, gestos são a necessidade de evocar e reviver os vínculos materno-fetais, materno-infantis e com a natureza, como desdobramento dos mesmos” (BENZON,1988, p. 40).

Esta identidade sonora sofrerá modificações ao longo de nossas vidas e como um conceito dinâmico, o Princípio de ISO, caracteriza e individualiza cada indivíduo.

Em qualquer que seja o Método, a não ser aqueles que privilegiam a audição de músicas previamente gravadas, a canção aparece como uma das experiências musicais mais presentes nas sessões de Musicoterapia. A canção popular, inserida no universo simbólico de diferentes culturas, apresenta uma diversidade de expressão que reflete nas várias situações da vida humana (RUUD, 1990).

Cliente e Musicoterapeuta estão inseridos na cultura e atuam também como elemento da cultura, facilitando o estabelecimento uma comunicação.

Para Chagas (2001), na prática clínica, o cliente não apenas reproduz a canção, mas apropria-se dela. A canção passa a ter um significado próprio quando ali re-criada, “a canção não é passível de ser repetida, é única. Não se confunde com a sua gravação oficial” (p.122).

Desta forma, a escuta terapêutica desta produção sonora vai além do limite musical. “A escuta terapêutica exige escutar o dito e o não dito, observar o que há por traz do dito (entonação da voz, o tônus, os movimentos corporais, as expressões faciais)” (COSTA, 2009, p.6).

CONCLUSÃO

Atualmente a Musicoterapia já encontra-se como ciência apoiada no campo da música e das áreas médicas apresentando um corpo teórico próprio que constituem o seu saber, com métodos e técnicas específicas e profissionais habilitados e capacitados para exercê-la. Encontramos cursos em todo o território nacional e atuações nas mais diversas áreas como apoio terapêutico ou como tratamento principal.

Seja utilizando a “música como terapia ou utilizando a música na terapia” (BRUSCIA, 2000, p. 23), esta ferramenta que é de domínio de todos, apresenta-se para estes profissionais com a possibilidade de transpor seu papel estético e atuar de forma a atingir canais de comunicação não alcançados pela comunicação formal, potencializando aspectos positivos e melhorando a qualidade de vida das pessoas.

A música é a estrela principal utilizada e trabalhada com objetivos específicos que vão além daqueles desejados pelo seu intérprete/terapeuta estando sempre em função do tratamento ou da pessoa que desejamos comunicar. Utilizando-se de todos os elementos que a música nos oferece, timbres, ritmos, melodias, ruídos, e muitos outros em conjunto com a relação terapêutica estabelecida entre pessoa e o musicoterapeuta, observamos a musicoterapia acontecer.

É fato que a medida que a Musicoterapia se torna um campo de conhecimento cada vez mais difundido e apreciado por leigos ou profissionais afins, torna-se preciso que suas especificações sejam esclarecidas para que não haja uma confusão entre música de entretenimento e a música com objetivos terapêuticos.

A música alimenta nossa vida, nos traz lembranças, evoca emoções e sentimentos por si só, mas a musicoterapia vai além disso, ela se ocupa em recuperar a qualidade de vida para seus pacientes com objetivos bem definidos e atuações planejadas e trabalhadas para esta finalidade.

REFERÊNCIAS

BENENZON, R. **Teoria da Musicoterapia – Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. Trad. Ana Sheila M. São Paulo: Summus, 1988.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, M. **Cantar É Mover o Som**. In: II Fórum Paranaense de Musicoterapia, Encontro Paranaense de Musicoterapia, II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, anais, Curitiba: AMT-PR, 2001, p. 119-122.

_____ **Musicoterapia - desafios entre a modernidade e a contemporaneidade**. Rio de Janeiro: MauadX e Bapera, 2008.

COSTA, C. M. **O Despertar para o Outro**. São Paulo: Summus, 1989.

_____ **O Saber da Musicoterapia e o Musicoterapeuta**. In: XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, anais, Curitiba: Griffing, 2009, p. 106-114.

RUUD, E. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.

_____ **Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture**. Gilsum NH: Barcelona Publishers, 1998.